

4 Os Estágios

É recorrente a idéia nos estagiários de que os estágios e práticas de ensino são momentos de apreensão da realidade da escola e da prática dos seus professores. “Aprender a prática é no estágio” (Estagiária I). É o momento de estar observando e aprendendo. “É fundamental o estágio na escola para quebrar a cara. Achar que não é tão lindo como imaginávamos. Cadê minha Pedagogia. É testar os possíveis” (Estagiária X).

Os professores da escola também valorizam o estágio. Acreditam que o seu objetivo é fazer com que o estagiário tenha uma maior noção de como é a escola. “Acho que é assim que se aprende. Foi assim que aprendi.” (Prof. J, escola 4). No entanto, não têm clareza do papel do estagiário e percebem que eles, também, não sabem o que fazer. “Qual é o papel do estagiário? Será que eu posso pedir isso? Na última aula eu estava trabalhando com divisão e meti bronca. Coloquei algumas contas de dividir no quadro e pedi que as estagiárias orientassem as crianças”(Prof. F, escola 1).

É uma linha meio delicada, que separa o estagiário, futuro professor, do professor experiente. Falta uma definição do papel do estagiário. O estagiário não é um professor substituto e por não saber com clareza seu papel muitas vezes boicota o estágio. “Parte muito da questão do próprio aluno se posicionar no estágio. Não temos orientações claras de como proceder. Muitas vezes exercemos funções, para as quais não estamos preparados”(Estagiário H).

O papel do estagiário tem que estar muito claro na escola e na universidade Essa formação me confunde. Se estivesse claro, quando você fosse fazer a prática, funcionaria. Não está claro. Acho que um roteiro elaborado em conjunto com coisas que o estagiário pode e não pode fazer seria necessário. Poderíamos fazer um roteiro elaborado com a universidade, com as escolas e com os estagiários (Estagiária I).

As escolas, também, não têm clareza do papel que delas se espera. Algumas escolas por não saberem o papel a desempenhar, alocam o estagiário junto a professores, que não estão dando conta da demanda. “Pensamos o

seguinte. Como o professor está assoberbado, com seus problemas, suas dívidas sendo protestadas, quando chega um estagiário procuramos colocá-lo naquela turma, que o professor está mais disperso e que não está dando conta da demanda”(Prof. N, escola 3). Isto efetivamente é um impasse e traz a questão da urgência de serem definidos os perfis e papéis dos professores, que vão receber estagiários. Há necessidade de tornar claros os papéis dos estagiários e dos professores das escolas. Escola e universidade precisam discutir seus papéis, porque, aparentemente, também é questionável o papel da universidade. Acompanhemos o que diz uma estagiária.

Tive um problema psíquico- mental para dar uma aula dessas. Esse tipo de aula me incomoda profundamente. Isso me irrita, porque você tem que planejar uma aula estruturadinha de tanto em tanto tempo. Agora vou falar disso. Eu conhecia a turma há um ano. Eu sabia todas as dificuldades que teria que lidar. São dois grupos na sala e eu não podia fazer uma proposta de fazer um trabalho diferenciado, porque tinha que ser uma aula para todo mundo. Não tem como em 50 minutos você fazer duas aulas (Estagiária P).

Os estagiários explicitam, que os professores da universidade, por desconhecerem a realidade da escola e não saberem como os alunos e professores das escolas costumam trabalhar, exigem aulas que não estão de acordo com esta realidade. “Se, quem estivesse avaliando a minha aula fosse a professora da escola, eu acho que já seria, só isso, uma coisa muito mais plausível. Ela conhece a realidade dos alunos. Ela sabe o que está sendo trabalhado. Ela sabe o ritmo dos alunos” (Estagiária P). Os estagiários argumentam, que não conseguem uma prática efetiva, porque não estão tão integrados com a escola, e fica parecendo uma “coisa da universidade” (Estagiário C), ficando muito separado do cotidiano da sala de aula. Acreditam que se participassem mais da vida da escola, iriam adquirindo mais segurança. “Tem que ter um processo aí” (Estagiário H).

A Professora J da escola 5 evidenciou sua preocupação com a pequena participação das estagiárias e alertou para a falta de domínio de conteúdo das disciplinas de Português e de Matemática.

A situação dessas estagiárias. Elas não participam. Eu vou dizer uma coisa. As estagiárias estão chegando muito defasadas em Português e em Matemática. Eu fico preocupada em entregar a uma estagiária uma atividade. Será que eles vão garantir? Teve até uma estagiária que veio, assistiu e, ao final, disse que tinha

aprendido muitas coisas. Eu espero que sim, porque a troca de experiência é o modo como a gente mais aprende na parte prática. (Prof. J, escola 5)

A relação entre estagiários, professores das escolas e professores da universidade apresenta conflitos. Conflitos do tipo: “A professora não está entendendo bem o que a aluna está fazendo lá”, “A estagiária está muito passiva”. “A estagiária está ultrapassando seus limites”. “A professora do estágio não entendeu a aula que eu dei”. “A professora não deixou que eu ensinasse o aluno a contar”. Os profissionais responsáveis pelos estagiários na universidade tentam evitar conflitos que poderiam fechar campos de estágio. Esta é uma grande preocupação.

“Você vai lá, dá uma observada e anota. Só isso. Não comenta mais nada” (Estagiária L). “Observar. Observar, sem interferir” (Estagiária F). Este tipo de estratégia não agrada aos estagiários, nem aos professores das escolas que não compreendem um estágio como um momento de simples observação. Esperam e acreditam na necessidade de maior participação desde os primeiros momentos. “Um elemento sentado, parado, interfere. Atrapalha, mesmo. As crianças vêem aquele elemento diferente. Parado. Elas começam a querer aparecer. Mudam o comportamento. As estagiárias têm que entrar de corpo e alma”(Prof.T, escola 2). Os professores das escolas não entendem estágios meramente contemplativos e sugerem que a universidade pense que está formando uma pessoa que vai para a sala de aula. Alguns professores sugeriram que fosse seguido o modelo do antigo normal que “funcionava porque tinha um objetivo no final do curso: ser professor”(Prof. Y, escola 1). Uma participação mais efetiva já começa a ser pensada, também, pelos professores da universidade.

Algumas vezes as professoras deixam as estagiárias responsáveis pelas turmas. Em alguns momentos. Nessas horas os alunos enfrentam a realidade da sala de aula e vêem a dificuldade que a professora enfrenta. Eu acho esses momentos importantes porque eles tomam uma postura diferente. Não é só observar (Prof. J, universidade).

4.1

Caracterizando os estágios investigados

O Curso de Pedagogia investigado apresenta diferentes disciplinas de práticas e estágios na medida em que contempla diferentes formações: Estágio Supervisionado, Prática de Ensino em escola Normal e Prática de Ensino em Escola de Ensino Fundamental. Há ainda estágios de vinte horas nas disciplinas de Metodologias, a saber: Processo de Alfabetização; Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa; Metodologia de Ensino da Matemática; Metodologia de Ensino das Ciências Naturais e Metodologia de Ensino das Ciências Sociais.

Quadro 1: Tipos de estágios desenvolvidos nas Unidades escolares parceiras da PUC-Rio no Projeto Universidade- Escola

Disciplina	Prática de Ensino em Escola de 1 ^o Grau I e II	Metodologias de Ensino	Estágio Supervisionado I e II
Campo de estágio	Sala de aula: 1 ^a a 4 ^a série	Sala de aula: 1 ^a a 4 ^a série	Equipe pedagógica da escola
Duração	1 semestre letivo para cada disciplina	1 semestre letivo para cada disciplina	2 semestres letivos
Carga horária	8 horas semanais 2 dias Total: 200h	20 horas para cada disciplina Total: 100h	6 horas semanais 2 dias Total/ano: 180h
Atividades	Observação e Cooperação Aula prática (II)	Observação	Junto à equipe pedagógica e gestão escolar.
Registro de atividades	Fichas de frequência com “visto” do responsável da turma	A critério do professor da disciplina na universidade	Ficha de registro das atividades com “visto” do Supervisor da escola.
Avaliação	Contato com professor da turma	Elaboração de relatos	Ficha de avaliação preenchida pelo Supervisor da escola

O quadro foi adaptado de um outro, elaborado pelo Departamento de Educação da PUC-Rio para uma reunião de avaliação das atividades do projeto no ano de 2002, e distribuído às escolas parceiras.

O Estágio Supervisionado

O Estágio Supervisionado I o Estágio Supervisionado II, ministrado concomitante à disciplina de Planejamento e Organização de Trabalho Escolar, tem como princípio norteador, de acordo com Roteiro elaborado em 2002 pelo professor e distribuído aos alunos, o compromisso com a unidade escolar.

Não invalida falar. Acho muito difícil você falar da escola sem estar dentro dela. Os professores até tinham contato com a escola mas cada um tem um ponto de vista. Nas disciplinas da graduação falava-se da escola mas a realidade é muito diferente do que a gente vê aqui na universidade. Onde eu tive a clareza mesmo, foi no estágio supervisionado, porque o contraponto entre as realidades diferentes era feito (Estagiária I).

Estes estágios devem ser desenvolvidos em escolas públicas ou particulares de ensino fundamental e/ou médio, diurnas ou noturnas, que tenham orientador educacional ou orientador pedagógico. O Estágio Supervisionado I é oferecido no primeiro semestre e o Estágio Supervisionado II no segundo semestre. O aluno deverá permanecer na mesma unidade escolar, durante todo o ano letivo. As atividades desenvolvidas devem ser registradas, diariamente, em “ficha de registro”, especificando a carga horária. Os estagiários, em geral, reconhecem a validade do Estágio Supervisionado. Há, no entanto, uma queixa generalizada da não existência de um espaço específico nas escolas, em especial nas particulares, para a execução de projetos. “Temos um desejo que a escola e a universidade juntas encontrem o espaço de atuação do supervisor, para que a gente tenha o gosto” (Estagiário N). Parece que esse espaço está sendo encontrado. Segundo informe apresentado em dezembro de 2002 na Reunião de avaliação do Projeto de Parceria, seis pré-projetos foram desenvolvidos na disciplina de Estágio Supervisionado II em escolas da parceria.

Por não envolver, diretamente, a formação do professor para as séries iniciais do Ensino Fundamental, este tipo de estágio não foi amplamente analisado no estudo em questão.

O estágio na Escola Normal

“Nós da escola normal não sabemos até quando existiremos. O curso foi reformulado para quatro anos. Integrou o antigo Estudos Adicionais, a pré-escola e a educação de jovens e adultos, para a qual os professores não foram preparados”(Prof I, universidade). Prática de Ensino em Escola Normal I e Prática de Ensino em Escola Normal II são disciplinas em que a prática ocorre em Escolas Normais. Essas disciplinas visam a formação do professor das matérias pedagógicas do Curso Normal: Didática, Psicologia da Educação, Estrutura, Filosofia da Educação. Segundo depoimento de uma professora é uma prática menos estruturada que as demais, porque escolas da rede não têm nenhuma pretensão de serem estágios de aplicação, não havendo a chance de se fazer nenhum experimento ou aula de aplicação e, também, porque os professores da Escola Normal não sabem até quando existirão.

Este tipo de estágio não foi analisado neste estudo por não fazer parte da parceria e por não envolver, diretamente a formação de professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

O estágio na Prática de Ensino

Prática de ensino em Escola Fundamental I, ministrada no terceiro semestre e Prática de Ensino em Escola Fundamental II ministrada no quinto semestre somente são cursadas pelos alunos que desejarem obter o registro de Professor das séries iniciais do Ensino Fundamental A prática dessas disciplinas pode ser realizada em escolas públicas ou particulares.

Na Prática de Ensino o aluno vai ter oportunidade de aplicar tudo aquilo que aprendeu durante o curso. Vai ter ocasião, por exemplo, de aplicar a Psicologia e a Filosofia, quando se questiona o tipo de homem que a escola quer formar e a Didática, a Avaliação e a Sociologia, quando ele vê o ambiente social da escola, dos alunos (Prof. J, universidade)

O estágio nas disciplinas de Metodologias

Em Reunião Geral de Professores do Departamento de Educação, realizada no mês de dezembro de 2000, foi sugerido que fossem reservadas 20 das 300

horas de prática para serem implementadas nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Matemática, Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, Metodologia de Ensino das Ciências Naturais, Metodologia de Ensino das Ciências Sociais e Processo de Alfabetização. As horas de estágio começaram a ser realizadas em 2002. Este tipo de estágio apresenta um diferencial. Os estagiários estão travando contato com a realidade da escola e com a prática de seus professores em disciplinas, onde tradicionalmente isso não acontece. Este fato fez com que o olhar sobre esse tipo de estágio fosse mais acurado.

A realização dos estágios possibilitou, na opinião dos professores, ganhos significativos para as disciplinas de Metodologia e para os estagiários porque a discussão do que acontecia nas escolas, que era feita de forma pontual, passou a ser feita de forma sistemática entre os estágios e as metodologias.

Eu tive uma turma, no segundo ano, em que eu dei a disciplina, onde ninguém estava fazendo estágio e a discussão sobre o que de fato estava acontecendo nas escolas era vaga. Como, agora, todos estão estagiando, isto retorna com mais força. Os alunos têm um ganho significativo e a disciplina também. Lembro-me de dois momentos interessantes. Um foi contado por duas alunas, que trabalham com jovens e adultos e o outro por alunas, que trabalharam com a história da matemática, na pré-escola. Elas relataram a possibilidade desse assunto ser trabalhado com alunos que ainda não eram leitores (Prof. G, universidade).

A implantação de 20 horas de estágios nas disciplinas de Metodologias foi feita visando o enriquecimento da formação teórica e prática dos estagiários. Parece estar sendo alcançado, como pode ser percebido nas palavras de um dos professores de Metodologia.

O estágio associado às disciplinas de metodologias, por um veio muito curioso, contribuiu para valorizar o espaço do curso, que estava lidando com questões conceituais. Os estágios tiveram um caráter formador importante. Diante das dificuldades encontradas, os estagiários ficaram mais atentos para a produção intelectual na área de educação (Prof. C, universidade).

Na opinião de um professor vários trabalhos dos estagiários trouxeram elementos interessantes para reflexão em sala de aula e para a organização do seu curso no ano seguinte.

Esse ano, a proposta foi a elaboração de um roteiro de observação da escola e de um projeto de intervenção. Eu fiquei com os trabalhos dos alunos. Eu quis ficar com esses trabalhos, porque são os primeiros que estão sendo feitos levando em

consideração a escola como lugar de formação. Os alunos colocam coisas interessantes e eu quero reler, para repensar o curso para o próximo ano (Prof. G, universidade).

Os relatórios são elementos importantes no processo de reflexão sobre a própria prática. Mesmo que, em um primeiro momento possa-se dizer que cumprem uma exigência formal, o registro do trabalho de observação e de reflexão possibilita que a observação seja realizada de modo mais objetivo e constitui-se num ponto de referência para o aluno e, interessantemente, como a professora aponta, para o trabalho do professor da universidade. Os relatórios e projetos elaborados constituem-se em documentos importantes para a reflexão, o debate coletivo, a troca e a socialização de conhecimentos.

Relatórios de Observação e Projetos de Intervenção foram solicitados por todas as disciplinas de Metodologia. São projetos de intervenção teórica e foram entregues nos últimos dias de aula das disciplinas, não havendo tempo para troca entre os estagiários e retorno para as escolas. Um dos professores colocou que o ideal seria que o estagiário acompanhasse o projeto da própria professora podendo intervir pontualmente, mas apontou que o pouco tempo de observação dificulta isto. “Em vinte horas, isso é possível?” (Prof. F, universidade).

Apesar de sobrecarga de horas de estágio e da queixa da baixa densidade do estágio, indo várias vezes às escolas para aproveitar pouco, os estagiários entrevistados consideraram positiva a experiência de estágios nas Metodologias. Sugerem que sejam mais organizados e que não estejam desvinculados das horas destinadas à prática de ensino. “O tempo é muito curto e acaba que não desenvolvemos um trabalho concreto. Estes estágios são importantes, mas são mal desenvolvidos e difundidos e geram ansiedade por causa da falta de aprofundamento e de teoria” (Estagiário C).

Alguns professores e estagiários relataram algumas dificuldades em realizar estágios, especialmente nas disciplinas de Ciências Naturais e Ciências Sociais. O argumento dos alunos é que os professores, geralmente, dão aulas de Português e de Matemática. Esse fato é bem comum, Mizukami (2000) coloca que parece, mesmo, que a disciplina de Português para ser o “reduto do profissionalismo” dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental.

“Fiz estágio de Metodologia de Alfabetização e não vi alfabetização. Eu vi duas aulas de Ciências. Foram só vinte horas de estágio. O negócio é que eu

não vi o que estava ali para ver: uma aula de alfabetização” (Estagiária M). Os estágios de Metodologia se constituíram em um avanço na articulação entre teoria e prática, mas será necessário um olhar para equacioná-lo de forma mais produtiva. Não faz sentido que alunos não levem em consideração uma aula de Ciências, porque precisam relatar aula de alfabetização. Essa questão foi percebida pelos professores que ministram essas disciplinas, que comentaram ser necessário pensar a parceria no sentido de interdisciplinaridade das áreas. Perceberam que os alunos têm dificuldade em fazer observações fragmentadas por áreas.

Os professores da universidade, que ministraram aulas nas disciplinas de Metodologia pretendiam, mas não tiveram oportunidade de se aproximarem das escolas.

Acho que talvez até fosse importante ir até as escolas. Precisamos pensar um pouco mais esse projeto. Eu acho que é preciso estar com as coisas mais amarradas no sentido do aluno estar indo às escolas. É necessário entrar em contato com os professores das escolas, mesmo que seja através de um memorando, para fazer este acompanhamento (Prof. G, universidade).

Ação com o objetivo de desvendar a “caixa preta” (Hutmacher, 1992) e possibilitar melhor observação dos estagiários foi buscada por um dos professores de Metodologia. Ele não pode ir às escolas, mas tomou a iniciativa de orientar o professor que o auxiliava na disciplina, a visitar três ou quatro escolas da parceria, para que procurasse sentir como é que as escolas trabalham e conhecer alguns aspectos gerais que a escola pudesse demandar, de forma que a observação dos estagiários pudesse ser feita baseada em algum conhecimento local. Essa aproximação, apesar de pequena e única entre as Metodologias, suscitou, alguns frutos. Um flagrado foi a da Prof. U, escola 3 que elaborou uma aula de Ciências, só para que a estagiária T pudesse assistir.

Um dos professores de Metodologia comentou que algumas observações realizadas pelos estagiários traziam alguns elementos relevantes para reflexão dos estagiários. O trecho do relatório de um estagiário ilustra o comentário do professor.

Quando cheguei na escola fui informada, pela direção, que seria difícil observar aulas de Ciências, porque a maioria das professoras priorizava a leitura e a escrita. Por desengano de consciência, tentei a última sala e a professora disse

que não estava trabalhando Ciências, mas algumas coisinhas de Ciências. Dei-lhe os parabéns por ser a única a trabalhar coisinhas de Ciências e não demorou muito, ela veio me mostrar o planejamento semanal, todo em Ciências. Vinte horas de observação não são suficientes e não posso afirmar se a professora constantemente trabalha um conjunto de habilidades, que são importantes para tornar seus alunos “ pesquisadores”, mas verifique, que ela não entrega questões prontas, procura problematizar, incentiva a observação e procura mostrar, que os alunos fazem parte de um grupo maior, que é a sociedade (Estagiária K).

4.2

Os estágios, ao longo do tempo, no Brasil

Para conseguir desvendar , um pouco mais, do complexo mundo dos estágios e das práticas de ensino e compreender como foram desenvolvidos no Brasil, na legislação e nos cursos de formação de professores para a escola básica, foi necessário buscar auxílio na literatura. A leitura do livro “O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática” de Selma Garrido Pimenta (2002) foi um precioso recurso. A partir dele foi possível compreender que os problemas são antigos e que diferentes caminhos vêm sendo tentados.

Os estágios e a prática de ensino aconteciam, no início dos anos 30, de diferentes modos nos estados brasileiros. Em alguns estados não havia uma referência explícita no currículo embora houvesse uma obrigatoriedade do aluno mestre ser submetido a um exame desse estágio. Em alguns estados havia a referência a uma prática profissional, que seria realizada nas escolas regulares e a uma prática pedagógica a ser realizada nas escolas normais. Alguns estados faziam referências a aulas-modelo, ao preparo de lições, visando a aquisição da técnica metodológica e da prática dos processos. Em alguns estados havia disciplinas específicas cunhadas como: Prática Pedagógica, Metodologia Geral, Didática e Técnica de ensino. Esta situação diferencial dos Estados foi corrigida legalmente pela Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946 que estabeleceu um currículo único para a formação e que explicita claramente a necessidade da prática de ensino . Nessa lei, o curso Normal passa a compreender, ainda, os cursos de especialização para professores primários já formados e cursos de habilitação para administradores escolares.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 não alterou a formação, mas acrescentou a possibilidade dos Institutos de Educação formarem professores para as Escolas Normais. Nesse contexto esperava-se que a

professora aprendesse conforme modelos consagrados. Sua formação prática seria a de reproduzir e exercitar modelos consagrados. A prática docente poderia ser conhecida através das observações de bons modelos. A prática que se exigia para a formação era tão somente aquela possibilitada por algumas disciplinas do currículo (prática curricular). A prática profissional como componente de formação sob a forma de um estágio profissional, não se colocava como necessária, uma vez que, de um lado, não tínhamos propriamente uma profissão e a destinação das alunas da escola normal não era necessariamente o exercício do magistério. A prática da escola primária não se constituía, portanto, em referência para o curso Normal, embora sua finalidade fosse preparar professores para essas escolas.

A lei 5692/71 transforma o Ensino Normal em uma das habilitações profissionais de 2º grau, agora obrigatoriamente profissionalizante e a formação de professores para lecionar na habilitação ficou restrita aos cursos superiores de Pedagogia. No que concerne à prática no currículo observa-se uma fusão entre Metodologia Geral e Especial, Didática e Prática de Ensino. A lei fala de didática incluindo a Prática de Ensino, entendida como estágio. As metodologias deixaram de ser tratadas.

Em 1982 realiza-se na PUC do Rio de Janeiro o seminário “A didática em questão”, que influenciou grande parte dos estudos na área educacional. Este seminário questionava a ênfase na dimensão técnica e a ausência da dimensão política, entre outros aspectos. Esse questionamento acompanhava a luta específica dos educadores pela recuperação e democratização da escola pública. Esses estudos reafirmam o compromisso da didática com a busca de práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social.

Lelis (1983) constata em sua dissertação de mestrado que os conhecimentos veiculados às alunas da Habilitação Magistério estavam fundados no discurso tecnicista e no ideário escolanovista. Conhecimentos descontextualizados e sem relação com a realidade captada nos estágios.

De maio de 1982 a maio de 1984 foi desenvolvida a pesquisa Análise das práticas de formação do educador: especialistas e professores, coordenada por Maria de Lourdes Fávero. Esta pesquisa examinava as práticas de formação do educador em cursos ministrados em instituições de ensino superior. A pesquisa sugeria alguns caminhos para as licenciaturas, incluindo o Curso de Pedagogia: a

importância e a exigência de interdisciplinaridade; a necessidade de rever os conteúdos trabalhados em função da dicotomia entre teoria e prática e entre o curso e a realidade educacional; a extinção das habilitações, em nível de graduação porque levava o especialista a tornar-se um técnico alienado do contexto sócio-político-cultural da realidade brasileira; uma ampla discussão sobre o que é específico do pedagogo e a necessidade de se repensar e redimensionar o estágio e a prática de ensino.

O redimensionamento dos estágios e das práticas de ensino é questão central no Projeto de Parceria Universidade-Escola para a Formação Inicial e Continuada dos Professores, tornando necessária a busca de subsídios para seu desenvolvimento. Um dos subsídios buscados foram os estágios desenvolvidos no Québec

4.3

Uma experiência instigante: os estágios feitos em parceria no Québec

Na América do Norte e, principalmente nas três mais importantes províncias canadenses (Columbia Britânica, Ontário e Québec), têm sido feitos esforços no sentido de implantar dispositivos de formação onde os professores das escolas sejam considerados, de fato e de direito, formadores dos futuros professores. Espaços, cada vez maiores, são dados a esses professores, os quais se tornam parceiros dos professores universitários na formação de seus futuros colegas. As experiências canadenses de formação conjunta mostram que, mesmo em um contexto universitário, pode-se confiar aos profissionais em exercício uma parte da formação, desde que o contrato seja claro e que sua aplicação tenha continuidade.

A Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Laval, do Québec oferece programas de Formação de primeiro ciclo e de segundo e terceiro ciclos. Os programas de Formação de primeiro ciclo são os “*Baccalauréats*”, os “*Certificats*” e os de Formação Continuada. Formação de segundo e terceiro ciclos são os “Diplomas”, os Mestrados e os Doutorados. Um dos “*Baccalauréats*” é o de Educação pré-escolar e de ensino primário.

O *Baccalauréat* em educação pré-escolar e em ensino primário, enfatiza a sólida formação em teoria e prática e a aproximação com a realidade escolar. Os estágios (700 horas), que acontecem ao longo de todo o curso, ocupam lugar privilegiado nesse programa. São amplamente valorizados e acontecem em uma rede de escolas primárias e secundárias das regiões do Québec e de *Claudière-Appalaches*.

A Faculdade de Educação da Universidade *Laval* elaborou um programa de estágios em parceria com o meio escolar. Programa esse intitulado “Rede de escolas associadas”. Formam essa rede as comissões escolares, as escolas e a Universidade *Laval*. Os diversos contextos escolares e sócio-culturais encontrados nas diferentes escolas da rede ajudariam os estagiários, segundo encarte produzido pela Universidade Laval, a conhecer alunos de idades e contextos diferentes, familiarizando-os com a prática profissional e as diferentes condições de ensino-aprendizagem. Nas escolas associadas:

- a direção é uma parceira ativa que tem por objetivo facilitar a integração e supervisionar o estágio do aluno;
- um professor experiente acompanhará e supervisionará o estagiário;
- um encarregado de formação prática da universidade se responsabilizará por um grupo de estagiários tanto na escola quanto na universidade, agindo como mediador;
- o estagiário estará em contato com professores que estimularão a reflexão sobre a prática profissional;
- os professores da escola e da universidade estarão fazendo pontes entre a formação realizada no meio escolar e no meio universitário.

Uma escola associada é, segundo Desrosiers (1998), um lugar de formação inicial para os estudantes e de formação contínua para seus professores podendo ser, em certos casos, um lugar de pesquisa colaborativa para os parceiros da escola e da universidade.

Segundo Desrosiers e Gervais (1998), a adesão à rede é uma escolha da escola. Uma das condições de adesão é que, pelo menos, três professores aceitem colaborar ativamente na formação inicial do professor. Anualmente o diretor da escola informa seu interesse de continuar aderindo ou não à rede. No primeiro ano de parceria, 69 escolas compunham a rede. Em 1998, quatro anos depois, 124 escolas estão associadas.

Em diferentes encartes elaborados pela Universidade Laval, são encontradas informações que explicam como os estágios estão organizados. Esses encartes esclarecem que existem quatro tipos de estágios.

Quadro 2: Descrição das atividades de formação prática nos estágios do Québec

Ano	Tipo de estágio e presença na escola	Orientação: seminários e supervisão
1º ano	Exploração da realidade escolar. (4 dias separados – 1 por mês)	Descoberta do meio profissional e emergência da identidade profissional. - 3 seminários; - 1 encontro individual
	Exploração da realidade escolar. (4 dias separados – 1 por mês)	Descoberta do meio profissional e emergência da identidade profissional. - 3 seminários; - 1 encontro individual ou por equipe–escola.
2º ano	Estágio de formação didático-pedagógico. (9-10 dias separados – 1 por semana)	Iniciação ao ensino. - 3 seminários (2 na universidade, 1 no meio escolar com os professores associados); - 2 supervisões.
	Estágio de formação didático-pedagógico. (12 dias separados – 1 por semana)	Iniciação ao ensino. - 3 seminários (2 na universidade e 1 no meio escolar com os professores associados); - 2 supervisões.
3º ano	Estágio de formação para gestão de classe. (15 dias -3 semanas descoladas)	Gestão da classe. - 4 seminários; - 2 supervisões.
	Estágio de formação para gestão de classe. (15 dias - 3 semanas consecutivas)	Gestão da classe. - 2 seminários; - 1 encontro individual; - 2 supervisões.
4º ano	Estágio de responsabilidade. (15 semanas consecutivas do início do ano ao final do ano escolar)	Encarregar-se de uma turma. Demonstração do nível de responsabilidade e de autonomia profissional. - 6 ateliers síntese; - 1 colóquio profissional; - 3 supervisões.
	Seminário de síntese.	Síntese da formação. - 4 seminários.

O estágio de exploração da realidade escolar visa introduzir o estudante no meio escolar. É o primeiro passo para a passagem de estudante a professor em um processo lento e gradual de socialização profissional. Ele está amparado sobre um contexto de formação universitária, abrindo-se a um contexto de prática profissional, tentando fazer com que os estagiários experimentem e reflitam sobre os dois contextos. Tem como objetivos que os estagiários identifiquem os elementos da cultura profissional dos professores, compreendam a realidade escolar e a prática profissional dos professores, tenham consciência das pré-concepções e representações do ensino e da aprendizagem, desenvolvam habilidades de observação em situações de ensino-aprendizagem, verifiquem seus interesses para intervenção em contextos educativos e desenvolvam uma atitude de abertura à colaboração com seus colegas estagiários. Nesse tipo de estágio o aluno fica um dia por mês nas escolas. A presença dos estagiários nas escolas é planejada com o profissional da escola que responde pelo estágio. Um encontro com o pessoal da escola pode ser agendado antes dos encontros mensais para facilitar a integração do estagiário. Mesmo que uma presença de apenas um dia por mês não permita intervenção direta do estagiário com os alunos, intervenções pontuais podem acontecer. “Aprenda fazendo”, esta é a palavra de ordem dirigida aos estagiários em todos os estágios de sua formação. Os estagiários não são observadores passivos. Eles não são turistas que passeiam por ali. É preciso que os estagiários se impregnem do meio escolar para que possam compreendê-lo. É por esse motivo que a jornada de trabalho nas escolas deve ser definida a partir de ações concretas e úteis aplicadas à escola. O estagiário deve se reconhecer e os interventores devem saber utilizá-lo com um recurso para a escola. Os seminários são previamente agendados pelo encarregado de formação prática da universidade e visam a reflexão sobre as experiências: descoberta das características do contexto escolar, desenvolvimento de habilidades de observação, reflexão sobre os fundamentos da orientação profissional, conquista da conscientização dos saberes necessários para a prática de ensino. Além dos seminários os estagiários devem elaborar um dossiê de estágio onde descreverão seu estágio. Este dossiê deve estar documentado com observações a partir de sete temas propostos: recursos da escola, papéis dos diferentes interlocutores da escola, alunos do pré-escolar, alunos do escolar, o meio sócio-econômico dos alunos, particularidades de situações de sala de aula e procedimentos dos professores. Esse dossiê deverá

ser entregue ao encarregado de formação prática da universidade. Esse profissional e o responsável do meio escolar são pessoas particularmente importantes nesse estágio. Dentro de cada escola, um responsável pelo estagiário que pode ser o diretor, um professor ou um outro membro da escola, deve assegurar um significativo programa de atividades de exploração. Todos os membros da escola associada podem ser utilizados para responder questões ou fornecer documentos para o estagiário. Como nesse tipo de estágio há a exploração de variados temas, pode ser necessário utilizar mais de uma escola. É o caso específico de na escola associada não existir pré-escola.

O estágio de formação didático-pedagógica, mais do que permitir a descoberta do meio profissional, visa o desenvolvimento de competências didáticas e pedagógicas. Está apoiado nas disciplinas consagradas de Didática e em práticas de ensino-aprendizagem junto a alunos de primário e de pré-escolar. Cada professor associado acolherá dois estagiários em sua sala em um dia por semana onde os estagiários realizarão atividades de ensino e aprendizagem nas diversas matérias escolares. A fim de facilitar o trabalho da equipe, esses dois estagiários deverão ter os mesmos horários na universidade. Essas atividades são planejadas sob a supervisão conjugada dos professores da universidade e das escolas associadas. Experiências têm revelado que a adaptação de atividades é possível. Além da presença na sala, os estagiários devem participar de seminários mensais. Cada seminário reunirá vários estagiários e está destinado à troca de experiências. Um dos seminários deverá acontecer no meio escolar reunindo estagiários e professores associados. A particularidade desse estágio reside no fato que dois estagiários estejam associados a um professor associado que deverá fazer um vínculo constante entre a formação teórica dos estudantes e sua formação em contexto através de atividades de ensino-aprendizagem que eles vão assumir em sala de aula. No mês de maio-junho cada dupla de estagiários realiza ao menos uma jornada completa na escola para encontrar a direção e o professor associado. Durante essa visita a geminação é confirmada ou modificada. O papel do professor associado é fundamental, porque é ele que permitirá a realização de diversas atividades em classe, introduzirá o estagiário na vida da classe, contribuirá com a preparação das atividades do estagiário de modo a assegurar a continuidade das aulas, dará um retorno ao final do estágio, participará de encontros de formação e participará do seminário que ocorrerá no meio escolar,

redigirá um balanço formativo ao final de cada trimestre, participará da avaliação somativa dos estagiários. As outras pessoas da escola favorecerão o contato dos estagiários com os diversos recursos da escola. O papel do encarregado de formação prática é efetuar, ao menos uma supervisão, organizar seminários reunindo periodicamente os estagiários e proceder à avaliação formativa e somativa dos estagiários, junto com o professor associado.

O estágio de formação para gestão da classe visa o desenvolvimento de habilidades didático-pedagógicas iniciadas no segundo ano, em momentos de interação com os alunos em períodos cada vez mais longos. Nesse estágio é obrigatório, no início do ano, uma jornada de familiarização com o meio escolar. O estagiário desempenha um papel de assistente-aprendiz do professor associado. Este papel prevê o conhecimento do contexto do estágio, a colaboração com o professor associado e, sobretudo a conduzir a classe por períodos cada vez mais longos, até chegar a cinco dias consecutivos. É fundamental o papel do professor associado. É ele o mestre que, em relação com o aprendiz, vai inicia-lo progressivamente, nas exigências da profissão. Ele vai acompanhá-lo no seu treinamento de prática de ensino, na conduta da sala de aula. Seu papel é feito a partir de procedimentos concretos: informar o estagiário do funcionamento da sala e da escola, interagir com seu planejamento, abrir seu espaço de docente da classe por uma dezena de dias, supervisionar suas atividades, dividir seu saber prático e, finalmente, participar de sua avaliação somativa. A direção da escola tem a função de suporte e está implicada na avaliação do estagiário. O papel do encarregado de formação prática é o de conselheiro. Ele é da universidade. Sua distância da sala de aula e do estagiário, faz com que ele assuma 18 estagiários. Ele os supervisiona duas vezes por trimestre. Uma das vezes junto com o professor associado. Ele prepara cinco seminários, lê e comenta as produções dos estagiários e os avalia de forma formativa e somativa.

O estágio de responsabilidade é um prolongamento direto do estágio de formação, mas tem elementos específicos e exclusivos. A certificação necessita de um julgamento claro sobre a capacidade de o estagiário exercer sua profissão. O estágio de responsabilidade é a consolidação da aprendizagem de encarregar-se de uma turma. É a síntese da formação prática e universitária e a demonstração do nível de responsabilidade e autonomia profissional. É a última atividade da formação prática no contexto da sala de aula. Ele se distingue dos demais estágios

porque se desenvolve de modo intensivo no interior de um mesmo trimestre. Ele permitirá que o estagiário participe desde o início de um ano escolar e que viva em sua totalidade uma etapa escolar. Esse estágio prevê a assunção de uma classe por 25 dias, dos quais pelo menos 15 devem ser consecutivos. Isto deverá ser feito a partir de um acordo do estagiário com o professor associado. No início desse tipo de estágio, o estagiário deverá estar presente de dois a quatro dias por semana na sala de aula. Na segunda parte do estágio, deverá estar presente integralmente. Nos meses iniciais do ano, o estagiário deverá entrar em contato com a direção da escola e com o professor associado a fim de fixar datas para um período de familiarização. Ao fim desse período de, no mínimo dois dias, a geminação deve ser confirmada ou modificada. É papel do estagiário: participar do planejamento, assumir progressivamente uma parte das responsabilidades da sala de aula, estar aberto a retroações, desenvolver um projeto de adaptação ao contexto da classe, engajar-se nas atividades propostas, se inserir ativamente na vida da escola. Cabe ao professor associado favorecer a integração do estagiário na escola e a divisão de responsabilidades; proceder à supervisão do estagiário por observação e retroalimentação; efetuar uma visita de supervisão a outros estagiários (se possível), participar da avaliação formativa e somativa do estagiário; assistir aos encontros de formação vinculados ao estágio. O professor enquanto um co-formador tem a responsabilidade de criar as condições pedagógicas favoráveis à aprendizagem. À direção da escola cabe a função de favorecer a integração do aluno na escola, participar de sua avaliação formativa e somativa. O encarregado de formação prática tem o papel de: dirigir os seminários na universidade ou no meio escolar, de efetuar ao menos três visitas de supervisão na escola, dar suporte ao professor associado e à direção a escola, acompanhar o estagiário em seu projeto de síntese de sua formação e proceder à avaliação formativa e somativa do estagiário junto com os demais interventores.

Compondo a parceria com a “Rede de Escolas Associadas”, a Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Laval elaborou um manual onde apresenta às escolas associadas um repertório de serviços que a Faculdade de Educação pode oferecer. A idéia da produção desse material, segundo a *Université Laval* (1998) surgiu com o objetivo de estreitar os laços entre os professores pesquisadores e o meio escolar, propiciando um enriquecimento mútuo

Desrosiers (1998) afirma que a realização de estágios na rede de escolas associadas apresenta exigências e resistências no meio escolar, no meio universitário e nos estudantes. Comenta que a presença de estagiários nas escolas obriga a equipe da escola a se engajar coletivamente e que alguns professores não querem aderir ao projeto. Comenta, também, que diretores que trabalham em mais de uma escola são menos disponíveis que aqueles que dirigem apenas uma escola. Aponta que a co-habitação nas escolas de estagiários de diferentes programas de diferentes faculdades da Universidade Laval, obrigou as equipes de coordenação de estágios a se harmonizarem em termos de vocabulário, calendário, política de formação de professores e procedimentos de comunicação com o meio escolar.

4.4

Comparando e vislumbrando possibilidades nos estágios

Aprender a observar para aprender a ensinar, parece ser a estratégia mais comum e tradicional adotada na formação.

Aprender a observar para ser um professor reflexivo é uma proposta mais recente. “O básico da prática é a reflexão sobre a realidade e a partir dessa reflexão o aluno deve pensar alternativas para superar as dificuldades encontradas. A prática é o lugar de observação, de co-participação, de intervenção e de muita reflexão sobre a realidade” (Prof. J, universidade). O ensino reflexivo depende de disposições e de atitudes, que o professor revela possuir, quando atua num determinado contexto. Espera-se que o professor reflexivo saiba escutar, respeitar diferentes perspectivas, estar atento às diversas possibilidades, estar comprometido intelectual e moralmente e estar estimulado e curioso procurando lutar contra a rotina. A reflexão deve ter como finalidade de promoção de um juízo crítico e de uma atitude investigativa. Espera-se

Ao longo do estudo diferentes propostas foram feitas para estágios mais efetivos.

- Definição dos papéis de estagiários e professores envolvidos nos estágios. “Os estagiários vão estar lá, fazendo o quê? A gente vai sem saber o que vai fazer” (Estagiária L).
- Retorno das informações para a escola. “Exploramos o espaço da escola e dele trazemos muitas indagações, muitos questionamentos.

Questionamentos muitas vezes negativos. Será que nós estamos naquele espaço só para questionar e criticar?”(Estagiário H).

- Maior intercâmbio entre as duas instâncias formativas.
- Presença dos estagiários desde o início do ano, no planejamento. “Os estagiários e os seus professores deveriam chegar no início do ano, em fevereiro, no planejamento para saber o que pretendemos fazer e nos conhecer. Se não fica só cumprimento de carga horária” (Prof. D, escola 2).
- Estágios mais participativos. “Acho importante que o estagiário discuta as aulas comigo e atue com as crianças. Experiência é fazer fazendo” (Prof. T, escola 2).

As propostas acima estão bem próximas às encontradas em desenvolvimento nos estágios feitos em parceria com as escolas no Québec. Aspectos dos estágios do Québec, que merecem ser destacados:

- “Aprenda fazendo”, esta é a palavra de ordem dirigida aos estagiários em todos os estágios de sua formação. Os estagiários não são observadores passivos.
- Seminários ocorrem na escola e na universidade e procuram garantir a reflexão sobre as experiências: descoberta das características do contexto escolar, desenvolvimento de habilidades de observação, reflexão sobre os fundamentos da orientação profissional e conquista da conscientização dos saberes necessários para a prática de ensino.
- Definição do papel de estagiários e professores. O estagiário desempenha um papel de assistente-aprendiz do professor associado. Este papel prevê o conhecimento do contexto do estágio, a colaboração com o professor associado e, sobretudo a conduzir a classe por períodos cada vez mais longos.
- Valorização do professor da escola. O papel do professor associado é fundamental, porque é ele que permitirá a realização de diversas atividades em classe, introduzirá o estagiário na vida da classe, contribuirá com a preparação das atividades do estagiário, dará um retorno ao final do estágio, participará de encontros de formação e participará dos seminários, que ocorrerão

no meio escolar. Definição do número de alunos que cada professor deve receber. Cada professor associado recebe não mais que dois alunos o que possibilita a troca de experiências entre estagiários e orientação do professor

- Interação entre estagiários e professores. Nos meses iniciais do ano, o estagiário entra em contato com a direção da escola e com o professor associado, a fim de fixar datas para um período de familiarização. Ao fim desse período de, no mínimo dois dias, a geminação é confirmada ou modificada.

Num projeto que leve em consideração a prática reflexiva, os estágios só terão sentido se forem preparados, contextualizados e trabalhados com uma postura reflexiva. A reflexão sobre a própria prática no momento da prática de ensino e dos estágios, talvez possa facilitar as discussões sobre o processo pedagógico, suas multifaces e suas questões necessárias (Freitas, 1996). Talvez possa permitir que o aluno encontre formas alternativas, particulares, para enfrentar os desafios em seu trabalho pedagógico, transformando as condições sob as quais ele se dá, comprometendo-se com o projeto de democratização da escola. Mas será que a prática reflexiva é suficiente para formar um professor, que enfrente todos esses desafios? Refletir sobre ou com a escola? Qual o papel do professor experiente e da escola na formação desse professor reflexivo? Onde fica a interação ?